

Resenha dos capítulos: “Aceita-se roupas novas” e “A bruxa está solta” do livro: A Língua de Eulália de Marcos Bagno.

Elaborado por: Aline Cardoso, Mara Lilia, Vilma Pessôa, Vilza de Paula e Wilson Teixeira. 2006/01

Aceita-se roupas novas

- Função da partícula SE como verdadeiro sujeito da oração -

Erro comum ou acerto comum?

(1) *Nessa padaria se come uns docinhos ótimos!*

(2) *Nessa padaria se comem uns docinhos ótimos!*

Segundo a gramática normativa, apenas a frase (2) está correta, pois o sujeito do verbo “comer” nesse caso é “uns docinhos ótimos” e, estando o sujeito no plural, também o verbo deve estar no plural.

No entanto, a frase (1) tem mais possibilidade de ser enunciada no Brasil. Seria um caso de erro comum?

Segundo os lingüistas, esse seria mais para um caso de *acerto comum*. O que ocorre, é que intuitivamente, o falante do Português, enquadra este enunciado, dentro do esquema padrão da língua, ou seja, o que eles chamam de ordem canônica, que no caso do português é sujeito, verbo e objeto (SVO). Para o falante, o sujeito dessa frase seria o SE, que corresponde a outros sujeitos “neutros” ou “indeterminados” que existem em tantas outras línguas: on (Francês), one (em Inglês), uno (Espanhol), man (Alemão), e é por isso que tradutores ao encontrarem uma dessas palavrinhas num texto estrangeiro, tratam logo de traduzi-la pelo nosso SE. Segundo os gramáticos, o Português procede do Latim e no Latim SE não podia ser sujeito.

Existe equivalência?

Os tradicionalistas dizem que as frases a seguir estão corretas no plural porque equivalem a outras frases.

Ex: *Abatem-se mil galinhas diariamente equivaleria a Mil galinhas são abatidas diariamente.*

Para eles as duas frases estão na voz passiva porque indicam uma ação que foi sofrida pelo sujeito da oração. Quando a ação é praticada pelo sujeito, dizemos que a frase está em voz ativa. Para eles, o “se” usado em todas essas frases são partículas apassivadoras.

Abatem-se = são abatidas

Por isso que os verbos teriam que estar no plural. Mas não podemos considerar abate-se mil galinhas diariamente como voz passiva porque o falante, neste caso, está querendo destacar o ato de abater, mesmo que esse alguém não seja nomeado. Ele é expresso pelo sujeito "se".

Já na frase "Mil Galinhas são abatidas", encontramos a voz passiva, que nela se destaca o destino a que as galinhas estão sujeitas e um sofrimento que lhes é imposto.

A frase "Nessa padaria são comidos uns docinhos ótimos!" está gramaticalmente correta, mas soa de forma artificial. Assim como "vende-se casas" por "são vendidas casas" que para o fundo comercial, perderia o valor.

As três explicações para o uso da partícula SE na frase

Para explicarmos a presença da partícula SE na frase, como sendo verdadeiro sujeito da mesma, podemos nos basear em três explicações simples, observando a frase:

Nessa padaria se come uns docinhos ótimos.

- O pronome se na frase deste tipo não é uma "partícula apassivadora" e sim o sujeito da oração, e por estar no singular, o verbo também deve estar no singular;
- Conseqüentemente, o verbo no plural torna a frase incoerente, deixa-a sem sentido, ilógica;
- Frases deste tipo não estão na "voz passiva", mas sim na voz ativa porque correspondem a uma clara intenção da parte do falante de enfatizar a ação praticada.

A 1ª explicação é sobre a manutenção da "ordem canônica" SVO da língua – sintática.

A 2ª explicação é sobre a ausência de sentido das frases com verbo no plural – semântica.

A 3ª explicação é sobre a intenção que governa as escolhas dos falantes – pragmática.

A bruxa está solta

- Fenômenos decorrentes da Analogia -

Tanto a Assimilação quanto a Analogia fazem "seus feitiços" com as semelhanças que encontram na língua. A diferença é que a assimilação tenta tornar semelhantes coisas que estão bem perto uma da outra. Já a analogia usa um método diferente. Quando vamos abrir a boca para falar, a analogia "sopra" nos nossos ouvidos alguma coisa parecida que se mistura com o que vamos falar, fazendo assim com que deixemos "escapar" uma forma nova.

A Analogia é a “mudança lingüística causada pela interferência de uma forma já existente”. Ela é responsável por uma quantidade imensa de fenômenos lingüísticos.

Os resultados são audíveis não só na língua não-padrão, mas também na boca de muita gente que se diz instruída e educada. Existe na língua portuguesa uma alternância vocálica muito interessante entre vogal fechada e aberta na relação nome-verbo.

Substantivo	Verbo
o almoço	eu almoço
o apego	eu [me] apego
o choro	eu choro
o soco	eu soco
o troco	eu troco
o zelo	eu zelo

Existe uma regra que se pronuncia os substantivos com uma vogal fechada e o verbo com uma vogal aberta, tipo:

Substantivo	Verbo
o espêlho	eu espêlho
o estôro	eu estóro
o fêcho	eu fécho
o poso	eu póso
o robô	eu róbo

É a analogia que faz as criancinhas dizerem “eu fazi”, “se eu sesse”. “eu sabo”, “eu pido”, porque são formas análogas às formas regulares que elas já conhecem.

E a analogia não se contenta apenas com os substantivos, a mesma regra de vogal fechada-aberta existe na relação adjetivo-verbo, como por exemplo: eu estou seca – ela seca, estou solta – ela solta. De doido surge “eu endoido” de frouxo > frôxo aparece “eu afróxo”, de inteiro > interô brota “eu me intéro”

Hipercorreção

Por uma forte motivação sociolingüística, as hipercorreções são mais encontradas na linguagem dos indivíduos em ascensão cultural, pois essa mudança de lugar na pirâmide social

implica uma inevitável tomada de consciência, por parte do falante, dos traços lingüísticos que caracterizavam a posição que ele ocupava anteriormente. Essa reavaliação de como o indivíduo era antes e de como ele quer ser (ou parecer) agora é freqüente na sociedade moderna. Em termos de linguagem, esse processo é benéfico, pois termina levando o falante a expressar-se cada vez mais de acordo com aquilo que chamamos de Português Padrão. A hipercorreção só vai aparecer quando o falante fizer uma avaliação incorreta dos dados lingüísticos que chamaram sua atenção, “corrigindo” ali onde não há nada a corrigir.